

Adão e Eva no Paraizo



Comedia em 1 acto

ORIGINAL DE

Lima Penante

ornada de musica, original

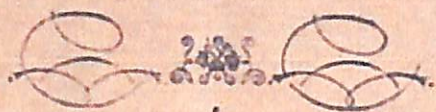
de

E. BERNARDI

PARAP

IMP. DO LIVRO DO POVO

1880



A

João Gualberto da
Cunha Cardoso

Off. e D.

O AUTOR.





Acto Unico

O theatro representa um bosque fechado com um banco de pedra a E. B.

SCENA 1ª

ERNESTO E FLORENTINA

ERNESTO

(Sahindo da E. M.) Por aqui, minha prima ?!

FLORENTINA

(Sahindo da D. M.) Por cá, meu primo ?!

ERNESTO

Aborrecido em casa, venho inspirar-me

neste sitio onde a minha phantasia divaga constantemente.

FLORENTINA

Sempre poeta ! Veja lá que a sua phantasia não lhe faça ver phantasmas !

ERNESTO

Não, porque nas regiões do pensamento e do bom senso, não existem caraminholas alem disso, minha prima, os anjos da terra não assombram e é só o que me attrahe a este sitio.

FLORENTINA

Pois não sabia que o bosque do jardim de meu pae, fosse um ceu ! (*rindo.*)

ERNESTO

E céu aberto, minha prima.

FLORETINA

Sendo mesmo tão fechado, meu primo?

ERNESTO

Oh! minha prima, não faça espirito, por quem é... lembre-se que classificando-o de céo, considero-a um anjo...

FLORENTINA

Já começa?... (*revirando os olhos e fazendo uma bochechinha*)

ERNESTO

Um cherubim....

FLORENTINA

Deixe de graças!... (*admoestivamente*)

ERNESTO

Uma santa, que adoro....

no original digitalizado faltam as páginas 4 e 5.

==6==

em tina, que o tal poeta queria que estivesse em vaso.

ERNESTO

Não posso suppôr...

FLORENTINA

Oh! meu primo! Não precisa deitar a livraria abaixo. Condemna-se a *flor em tina*, e eu lhe asseguro que em *tino* é que eu nunca a vi!

ERNESTO

Como assim?...

FLORENTINA

Não disse que sou *flor de seu peito*?

ERNESTO

E sustento o que disse.

FLORENTINA

Bom ! Que idade tem ?

ERNESTO

Vinte annos.

FLORENTINA

Ora, sendo essa a idade da loucura, e trazendo-a assim no peito, impossivel é estar *em tino* !

ERNESTO

Tem razão, porque eu ando louco por você, minha Florentina.

FLORENTINA

Sua, ainda não !

ERNESTO

Já sei. Mas olhe que não é só por isso que ella deixa de estar *em tino*.

FLORENTINA

E por que mais ?

ERNESTO

Vão saber: o que me diz sobre essa flor
que traz no seu penteado ?

FLORENTINA

Que lhe serve de adorno.

ERNESTO

Mas lembre-se que está na cabeça ! . .

FLORENTINA

Que tem isso ?

ERNESTO

A ser verdadeira a sua theoria, lembre-
se tambem do que se diz da mulher. . . .

FLORENTINA

Da mulher?! Explique-se:

ERNESTO

Oh! minha prima, não precisa deitar a livraria á baixo. que impossibilita inteiramente estar a *flor em tino*

FLORENTINA

Que cacête! acabe.

ERNESTO

Se não está *em tino*, estando no meu peito, muito menos estará, estando no seu penteado!

FLORENTINA

Porque?

ERNESTO

Ahi vae o cheque matte: Porque sempre ouvi dizer que mulher não tem cabeça.

FLORENTINA

Olhe, que me dá o meu esterico . . .

ERNESTO

Era uma felicidade

FLORENTINA

Porque ?! . . .

ERNESTO

Porque cahia nos meus braços . . .

FLORENTINA

(Quasi desmaiando) Ai! ai! ai!

ERNESTO

Socegue, minha prima! Eu lhe amo . . .

FLORENTINA

Segure-me, meu primo . . . Ai! ai! ai!

(*cahindo de todo nos braços de Ernesto. A explicação de ataque deixa ao capricho da mulher que sabe tel os quando quer.*)

ERNESTO

(*Com ella nos braços*) Bonito! Agora, nos meus braços o que heide fazer? Matos tem olhos... Ora adeus! Póde ser que até lhe faça bem... e depois, não é abuso, porque eu bebo os ares por ella. (*Beijando-a na testa*) Ah! minha priaa, que este beijo sazonado de amor, seja o sêlo da nessa união.

SCENA 2ª

OS MESMOS E PROCOPIO

PROCOPIO

(*que tem ouvido as ultimas palavras, levantando a bengala*) Está sellado, mas falta-lhe a estampilha.

ERNESTO

Tio Procopio ! . . .

PROCOPIO

Emmudeça, filho desnaturado de meu irmão! pertubador do socego da familia!... Não sei onde estou que não lhe dezanco os ossos! . . .

ERNESTO

Socegue, tio Procopio que o que vê é cousa muito natural d'este mundo.

PROCOPIO

E' muito natural, não tem duvida! Pega-lhe um beijo e acha natural!?

ERNESTO

O que é o desmaio? Não é o resultado de uma commoção violenta? Não vejo re-

medio homœopatico melhor do que este: Fazel-a tornar á si por meio de outra commoção.

PROCOPIO

A do beijo, seu bregeiro? . . .

ERNESTO

Sim, a do beijo, meu tio. Não vê que, eu adoro minha prima? . . . que ella me ama extremosamente? Pois um beijo de quem se ama, é dôse de primeira denanimisação?

PROCOPIO

Pois leve a sua carteira homœopatica quando não, denanimizo-lhe o páo! (*erguendo a bengala*)

ERNESTO

Isto é nervoso, meu tio. (*Apresentando a filha*) Com este escudo, não temo a sua ira, e nem tão pouco a sua bengala.

PROCOPIO

(*Nervoso como é*) Deixa-a! deixa-a! Deita-a n'aquelle banco e verás se te dou, ou não, uma fricção á *loupatica*.

ERNESTO

Naquelle banco? tão frio! Antes o calor dos meus braços. . . .

PROCOPIO

Pois dá-m'a! dá-m'a! e verás para quanto presto.

ERNESTO

Tome-a, meu tio. . . . e veremos se é capaz de fazer o que diz! . . . (*Cruzando os braços*) Ande. . . . Vamos. . . venha já uma chuva de bengaladas, tio Procopio, que eu em remuneração peço-lhe a sua mão.

PROCOPIO

A minha? Era o que faltava!

ERNESTO

A, d'ella; de sua filha. . . .

PROCOPIO

Já está dada! (*Florentina redobra o ataque*) Minha filha, minha filha o que é isto?!

ERNESTO

É o resultado de sua austeridade.

PROCOPIO

Da minha. . . .?

ERNESTO

Austeridade!

PROCOPIO

Essa agora!

ERNESTO

Sim porque sabemos a preferencia que

tem os primos, não devia conceder sua filha em casamento a um estranho que casa com ella mais pelo seo dote, do que por amor.

PROCOPIO

(Acudindo a ambos desde que Florentina continua com os effeitos do ataque) Amor, amor, amor!... Minha filha, socega!... Amor é carne?... Tem paciencia!... Amor é farinha?... Socega, já disse!... Amor é feijão?... Coitadiuha!... Amor é manteiga?... Coragem!... Amor é pão? (para dentro gritando) Tragam vinagre!... Amor é ossueat?...

ERNESTO

Oh! meu tio! Eu acho-o ainda mais doce.

PROCOPIO

Pois come-o tu e deixa minha filha, que não é camaleão para sustentar-se de vento.

ERNESTO

E quem lhe disse que amor é vento ?

PROCOPIO

Pelo menos é tão leve como elle.

ERNESTO

(*Vendo que Florentina continua atacada*)
Olhe, meu tio: cuidemos primeiro da prima e depois, com calma, trataremos do resto.

PROCOPIO

Do resto?! Qual resto, nem meio resto!
Ponha-se d'aqui para fóra seu bigorrilhas.

ERNESTO

E minha prima?...

PROCOPIO

Eu sou seu pae !

ERNESTO

E eu sou seu primo!

PROCOPIO

Por sua infelicidade.

ERNESTO

Meu tio: sou estudante de direito e lhe asseguro, tio Procopio, o meu diploma de bacharel para o anno, com todas as galas de um brilhareto no meu acto.

PROCOPIO

Ha de ser fallado!... Minha filha já está compromettida, senhor!

•ERNESTO

E bem compromettida, porque está sendo violentada a fazer o que não deseja!

PROCOPIO

Ella é menor e quem deseja sou eu.

ERNESTO

(*Vendo que Florentina torna a si*) Olhe;
eil-a que torna á si. Veremos agora.

FLORENTINA

Ah! Ernesto! . . . (*dando com o pae*) Oh!

PROCOPIO

Ernesto, Ernesto, Ernesto! . . . Ernesto
é cousa?

FLORENTINA

Oh! meu pae! . . . elle é meu primo!

ERNESTO

Sim eu sou primo! . . .

No original digitalizado faltam as páginas 20 e 21

==22==

ERNESTO

Oh! meo tio tenha prudencia,
Seja pae mais extremoso! . . .
De seus filhos doces laços
Abençoê carinhoso!

PROCOPIO

E o meu amigo Guedes
Que já trata do enxoval?
Isto é cousa muito séria
Em que eu posso ficar mal!

FLORENTINA

Mas meu pae?

PROCOPIO

E o Guedes? . . .

FLORENTINA

Tão velho! . . .

PROCOPIO

Tão rico . . .

ERNESTO

Não queira !...

PROCOPIO

Sae-te daqui!

FLORENTINA

Tão feio !...

PROCOPIO

Qual feio !...

ERNESTO

E' uma cartola de bordeaux.

FLORENTINA

Está visto !...

ERNESTO

Um casamento assim...

FLORENTINA

E' um martyrio !

PROCOPIO

(*Perdendo as estribeiras*) Saiam já de meus olhos, senão faço uma asneira.

ERNESTO

(*Indo a Florentina*) Pois bem; vamos Florentina

PROCOPIO

E rua !

FLORENTINA

Meu pae . . . isso não se diz !

PROCOPIO

Está dito !

FLORENTINA

Eu sou sua filha ! . . .

ERNESTO

Sim, sua filha !

FLORENTINA

Meu pae !... (*abraçando-o*)

ERNESTO

(*Tambem*) Meu tio !

PROCOPIO

Ora vá p'ra... academia !... (*empurrando-o e depois dirigindo-se a filha*) E tu filha desnatura-da, some-te de meus olhos.

ERNESTO

(*A' sério*) Pois bem meu tio se minha prima é desnaturada, eu vou naturalizal-a filha de meu pae ! (*tomando Florentina e levando a para o fundo.*)

PROCOPIO

(*Tomando a passagem*) Alto lá, que não foi isso que eu disse.

FLORENTINA

(*Repetindo as palavras do pae*) Saiam já
dos meus olhos!...

ERNESTO

(*O mesmo*) E rua!

PROCOPIO

Mas isto.....

OS DOIS

Está dito!.....(*vão a sair*)

PROCOPIO

(*Correndo ao F e trazendo Florentina pelo
braço*) Enquanto eu fôr vivo, heide ser teu
pae; e tu enquanto viveres, serás minha
filha! Para a casa; ingrata, desobediente
e louca. E tu monstro academico, satanaz

da familia, serpente deste paraizo . . . vae-te ! Esta Eva já tem Adão e o fructo desta arvore, (*indicando-se*) não comerás tu.

ERNESTO

Pois bem, meu tio, faça o que quizer; mas conte que faz a minha desgraça.

FLORENTINA

Ernesto ! (*chorando*) Oh ! meu pae !

PROCOPIO

Para casa !

FLORENTINA

Obedeço meu pae, esqueça-se de mim, meu primo. Eu vou para casa; mas juro-lhe que se arrependerá de violentar assim o coração de sua filha. Amanhã serei cadaver. (*São arrebatadamente*)

SCENA 3ª

OS MESMOS MENOS, FLORENTINA

E você, siga o seu caminho.

ERNESTO

(*Seguindo Florentina*) Com muito gosto.

PROCOPIO

(*Puchando-o pelo braço*) Onde vae ?

ERNESTO

Não disse que eu seguisse o seu caminho?

PROCOPIO

Caminho da casa de seu pae, . . .

ERNESTO

Pois foi exactamente o que eu fiz: seu pae é vme. meu tio!

PROCOPIO

Não se faça tolo ! Seu pae é meu irmão, meu sobrinho; o seu caminho é este. (*Vae indical-o*)

ERNESTO

Pois bem, meu tio: já que Vmc. não quer ser meu pae . . . fique, certo meu tio, que hade dar contas a meu pae, desta violencia, cujo rezultado vai dar que fallar aos jornaes da capital! E tu Florentina, fica convencida de que nos encontraremos no céo! Adeus! adeus! Oh! meu tio, esta crueldade dispotica, nesta scena pathetica, torna phantastico o meu sonho poetico! Adeus, adeus! E eu que podia ser o Adão, da Eva deste paraíso!

Meu tio, quando o coração vehemente de paixão, vê perdida a sua esperança, febricitá-se palpitante e desesperado, faz perder tambem o cerebro mais sensato! . . . Perdida a cabeça; perdida a illusão . . . a morte é inevitavel! . . . adeus! (*sae debullhado em pranto*)

SCENA 4ª

PROCOPIO (*só*)

(*Depois de pausa*) Foi-se? E agora! Mi-

nha filha amanhã será cadaver ! Este acha que a sua morte é inevitavel... ! Se ambos se amam, e se ambos são loucos, podem fazer alguma asneira. Estou n'uma posição difficil e no entanto, preciso sahir d'ella. O Guedes póde tudo remediar, disistindo; mas elle desistindo, borra-me o mappa. O que é certo é que o que tem de acontecer traz muita força e portanto deixemos obrar a natureza. Malgrado este casamento, perco um magnifico partido, por que o Guedes já está velho e, sem herdeiros, minha filha mamava tudo, depois de sua morte. Hei de fallar circumstanciadamente a minha filha. Penso que, até o primo hade ficar satisfeito com esta minha resolução.

E' o diabo ! Entre o fogo de um primo e os estericos de uma filha, um pobre pae vê candeias de sebo para harmonisar a familia !

Decididamente está rezolvido: caso Florentina com o Guedes e prometto ao tal primo tentador, casal-a com elle, logo que

o Guedes espiche o cachimbo. E é melhor assim, por que além do seu dote, mama também os fundos do marido. Vou fallar-lhe e escrever ao Guedes para que ábreve isso. (*vae-se D. M.*)

SCENA 5ª

ERNESTO E FLORENTINA

ERNESTO

(*Da E. M.*) Onde estava?

FLORENTINA

(*Da D. M. encontrando-se com Ernesto*)
N'aquella moita; e o primo?

ERNESTO

Ora, muito perto. Ouvi tudo.

FLORENTINA

Nada perdi.

ERNESTO

Perdemos tudo!

FLORENTINA

Como assim!?

ERNESTO

Não ouviu o que seu pai disse?

FLORENTINA

E o que tem isso? Olhe, meu primo, eu o amo e isto basta. Faça tudo que eu fizer e deixe o resto por minha conta.

ERNESTO

E o Guedes cartola? e o seu rachitico pae?

FLORENTINA

Oh! meu primo, você não parece estudante! Deixe tudo por minha conta e verá como nos sahiremos bem.

ERNESTO

Mas o que hade fazer?

FLORENTINA

Convencer meu pae e azoinar o sr. Guedes. Serão tantos os hystericos que o hei de pôr em debandada!

ERNESTO

Contanto que não lhe caia nos braços. Espere sempre por mim para desmaiar.

FLORENTINA

(*Batendo-lhe na face*) Gostou, hein?...

ERNESTO

Oh! minha prima; e quem é que não gosta do que é tão gostoso!?

FLORENTINA

Olhe o meu hysterico !

ERNESTO

Que ventura! nos meus braços...

—CANTA—

Minha prima o seu desmaio
E' da mais grata expressão!
Elle diz-me que esse choque
Nasce de seu coração!

FLORENTINA

Ah! priminho no meu peito
Eu não sei que sinto agora;
Um quer que é que me suffoca
Valei-me oh! Nossa Senhora!

ERNESTO

E nos meus braços

FLORENTINA

Não, não, não, não, não!

ERNESTO

Que tem, priminha ?

FLORENTINA

Ai ! meu coração !

ERNESTO

Que soffre, que tem ?

FLORENTINA

Que falle a papae !

ERNESTO

Que quer que eu faça ?

FLORENTINA

Que falle a papae

ERNESTO

Sim, fallo, meu bem

FLORENTINA

Ai, ai, ai, ai, ai !
(Desmaiá nos braços do primo.)

ERNESTO

Como é linda desmaiada !

PROCOPIO

(Dentro) Onde está, onde está ella ?

ERNESTO

Olé ! meu tio parece que está sempre á
deixa nestas scenas ! Antes que elle chegue
outra dóse. (dá um beijo na testa da prima)

SCENA 6ª

OS MESMOS E PROCOPIO

PROCOPIO

Pele que vejo o Sr. meu sobrinho quer

que eu uze de violencia para pol-o fora d'aqui?... .

ERNESTO

Pelo que vejo, meu tio, queria que eu deixasse minha prima cahir no chão?... .

PROCOPIO

Já lhe applicou o tal remedio homœopatico?

ERNESTO

Ainda não; mas se o tio quer?... .

PROCOPIO

Quero um dardo! é o que eu quero.

ERNESTO

Isso não tenho, meu tio.

PROCOPIO

Passe p'ra cá, minha filha. (*Vae para*

arrebatal-a Florentina torna à si fingindo-se idiota.)

FLORENTINA

(Tomando a mão do pae) Olhe, Senr. Guedes, eu sim não o aborreço; mas não posso fazel-o feliz! . . Já lhe preparei uma dóse para o dia de nosso noivado *(indo ao primo)* Meu pae, sua filha lhe obedece; mas o remorso perseguil-o-ha, quando vel-a accusada para um crime muito grande *(baixo a Ernesto e natural)* Não lhe disse que fizesse tudo que me visse fazer? *(indo ao pae)* Senr. Guedes olhe o padre o altar . . . o noivado . . . que festa linda! . . tantos convidados!

—CANTA—

Que ventura que minh'alma
Vae gosar no hymineu! . . .

ERNESTO

Oh! desgraçada priminha
Infeliz, que enlouqueceu!

FLORENTINA

Pobre pae, que, nem ao menos
Tens a dita de ser pae ! . . .

PROCOPIO

Minha filha alienada
Que desgraça que aqui vae ! . . .

ERNESTO

E assim hei de perdê-la ? Eu que via
n'ella a minha felicidade ! Meu tio, por
mais forte que seja o homem, succumbe
n'um lance destes. Eu o responsabilizo
por este excesso, cujas consequencias re-
cahirão sobre Vmc.

PROCOPIO

Essa agora ! sobre mim ?

ERNESTO

Sim, sobre Vmc. e não diga mais nada,
porque não me sinto em estado de gover-

nar-me e sou capaz de devoral-o! (*Vae a avançar para o tio com os olhos esbugalhados e cae sobre elle e Florentina que o ampara tambem*) Ah!

FLORENTINA

Ah! não, não! não mates meu noivo!...

PROCOPIO

Bonito! tambem elle?! Aqui está o que tu fizeste; pegaste o hystericico em teu primo.

FLORENTINA

(*Deixando Ernesto nos braços do tio e dando uma gargalhada homerica e apontando para o pae, que tudo observa espantado.*) Ah! ah! ah! ah! Acalente-o, sr. Guedes...

PROCOPIO

Bom; agora já sou Guedes e reduzido a ama secca.

ERNESTO

(Erguendo-se e tornando à si, corre a scena toda e depois tomando Procopio pela mão tral-o mysteriosamente à bocca da scena e diz-lhe) Não sabes? Eu sou o Adão; estou perdido neste paraíso. Onde está o fructo prohibido?

PROCOPIO

Que fructo!

ERNESTO

O fructo prohibido, sim?

FLORENTINA

(Chegando ao pae pelo outro lado e conduzindo-o a outro extremo da scena) Não sabes eu sou a Eva... ando com medo da serpente...

ERNESTO

(Indo à elles) Eu quero ver o fructo...

ERNESTO

Sim, sim, para sempre . . . e fuja-
mos da serpente tentadora (*passando pela fren-
te do tio dá um grito e puchando Florentina
pela mão foge*) Ah! olha a serpente! foge,
foge, minha Eva! . . .

FLORENTINA

Sim, sim fuja-
mos. (*Procopio corre a
impedir-lhes o passo.*)

PROCOPIO

Alto lá! . . . Façam aqui mesmo o Pa-
raiso! Mais um passo, a serpente enros-
ca-te a bengala. (*Vem ambos muito man-
sos à E. B. com gestos de verdadeira allie-
nação*)

ERNESTO

Olha, aqui tens a nossa pedra. (*Sen-
tam-se*).

PROCOPIO

Antes quero aqui o Paraiso porque,
fóra das minhas vistas . . .

—CANTA—

Quando a Eva, por ser tóla, (*piscando o olho*)
Fez o fructo a Adão comer,
Existia um só sabido
Que os deixára, por querer;

Mas agora que os *Adões*
Já do fructo gostão tanto . . . (*arregalando o*
Tenho medo que esta Eva *olho*)
Ache n'elle doce encanto !

E p'ra não vér engasgado
Este Adão dos meus peccados,
Heide estar attento ao fructo
Com mil olhos; mil cuidados !

FLORENTINA

Adão !...

ERNESTO

Eva !...

FLORENTINA

Nós não seremos expulsos do Paraíso,
não ?

ERNESTO

Como ? se nós não peccaremos !...

FLORENTINA

Oh !... sim, sejamos puros... Viva-
mos, um para o outro : tu como Adão...

ERNESTO

E tu como Eva...

PROCOPIO

Antes do peccado: porém vestidos, bem agasalhados, por causa do frio.

ERNESTO

(*Indo a elle*) Quem és tu? O Rei da criação?

FLORENTINA

(*Caindo de joelhos*) O Rei da criação?!

PROCOPIO

Não me faltava mais nada. Estou aqui, e estou applicando uma dōse aloupathica de pão!

FLORENTINA

Pae clemente e misericordioso! . . . livrae-me da serpente tentadora e lembrae-vos que sou a vossa obra mais perfeita!

PROCOPIO

(Internecendo-se) Sim; tu és a obra mais perfeita que me ficou de tua mãe !

ERNESTO

E a minha costella, onde fica ?

PROCOPIO

Tua costella está aqui, patife *(mostrando-lhe a bengala.)*

FLORENTINA

Pois bem, pae celeste, fique certo de que inutilisou a sua melhor obra.

ERNESTO

(Tomando attitude tragica) Assassino de Adão e Eva... Vês esta arma ? *(Tirando um revolver)*

PROCOPIO

Alto lá ! no paraíso não havia d'isso.

FLORENTINA

(*Caindo de joelhos*) Oh ! pae ! . . . olhe estas lagrimas . . . faça d'ellas o balsamo de sua alma e abençoe este amor que, tocando ao delirio, é capaz de perder-se nas agonias do desespero ! . . .

ERNESTO

Sim, ah ! . . . pae ! . . . (*mostrando o revolver apontado ao ouvido*) Vai tudo isto para o ouvido dizer-me o segredo da eternidade !

PROCOPIO

(*Chorando comicamente*) Oh ! mas não me façam internecer mais ! Eu já desisto sobre vocês e sobre o Guedes ! Levantate filha das minbas entranhas . . . E tu,

néto de meu pae, filho de meu irmão, primo de minha filha, sobrinho dos meus peccados, Adão improvisado. . . (*passando-lhe a filha*) ahí tens o vedado pomo !

ERNESTO

Ah ! meu tio ! (*abraçando-o e depois a Florentina*) Ah ! Florentina ! . . .

FLORENTINA

Oh ! Ernesto ! (*abraçando-o e depois ao pae*) Meu querido pae ! . . .

PROCOPIO

Eu os acho cada vez mais loucos !

AMBOS

Porque ?

PROCOPIO

Porque vão casar.

FLORENTINA

N'este caso meu pae foi doido tam-
bem...

PROCOPIO

Está bem, está bem!... casem-se!
(*aparte*) Pobre Guedes! (*alto a filha*) Seja
boa esposa, como foi boa filha da mãe
que teve. E tu, toma juiso e não lhe ap-
pliques mais homoeopathia senão depois
de casados.

—CANTAM— (*Tercetto*)

FLORENTINA

Oh! meu pae quão venturosa
Minha vida vou passar!

ERNESTO

Reclinada n'estes braços...

PROCOPIO

Mas precisam trabalhar...

ERNESTO

Oh! descance pae querido
Que eu trabalho e sei viver,

PROCOPIO

Faço idéa! Em pouco tempo
Pae avô eu hei de ser.

FLORENTINA

E quem são nossos padrinhos?

ERNESTO

Temos gente que chegue, até para mil
filhos que tenhamos! (*indicando o publico*)

FLORENTINA

(Continuando o tercetto)

Oh ! meu pae trate da festa
Vá os banhos já correr;
Se este povo nos festeja
Nosso padrinho ha de ser.

PROCOPIO

Sim, da festa eu tratarei
Como trato do enxoval !
Sou teu pae e te estremeço
Quero a festa sem egnal !

ERNESTO

Estão todos convidados
Para a festa do hymineu !
E quem fôr aqui por ella, (*indica Flo-*
E', por força, amigo meu. *rentina*)

CAE O PANNO

—FIM—